



SOBRE O USO DAS ASSEMBLAGES NAS ABORDAGENS RELACIONAIS GEOGRÁFICAS

ON THE USE OF ASSEMBLAGES IN GEOGRAPHIC RELATIONAL APPROACHES
SOBRE EL USO DE ASSEMBLAGES EN ENFOQUES RELACIONALES GEOGRÁFICOS

Leonardo Luiz Silveira da Silva

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Diamantina - leoluizbh@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7082-529X>

RESUMO

No contexto das abordagens relacionais, muitas das quais baseadas em inspirações e pressupostos advindos da teoria ator-rede, destaca-se uma forma de pensamento que tem como base reflexiva a existência de arranjos relacionais heterogêneos, que entrelaçam humanos e não-humanos. Por meio destas relações em rede são aflorados significados a partir da irrupção de afetos que estimulam a performance dos atores enovelados, o que estimula a base teórica deste pensamento ser chamada de geografia do que acontece. Tais arranjos relacionais são comumente referidos como *assemblages* na literatura acadêmica, e tem servido como referência importante para as pesquisas mais-que-representacionais na geografia. Todavia, algumas questões relacionadas ao seu uso exigem atenção: as consequências advindas dos planos entrecruzados das *assemblages*, a assimetria que envolve os actantes partícipes das redes e a ascensão do pensamento não-correlacional que tem se disseminado a partir da consolidação do realismo especulativo. Apesar destes pontos de atenção, concluímos que as questões levantadas não invalidam o uso das *assemblages* na pesquisa mais-que-representacional no âmbito da geografia, mas possibilitam a qualificação do discurso que se apropria dos arranjos relacionais heterogêneos aplicados à leitura espacial.

Palavras-chave: Afeto; Performance; Abordagem Relacional.

ABSTRACT

In the context of relational approaches, many of which are based on inspirations and assumptions arising from actor-network theory, a form of thinking that has as its reflexive basis the existence of heterogeneous relational arrangements, which woven humans and non-humans. Through these network relationships, meanings emerge from the irruption of affections that stimulates the performance of the involved actors, which encourages the theoretical basis of this thought to be called the geography of what happens. Such relational arrangements are

commonly referred to as *assemblages* in academic literature, and have served as an important reference for more-than-representational research in geography. However, some issues related to its use require attention as the consequences arising from the intersecting planes of the *assemblages*, the asymmetry that involves the actants participating in the networks and the rise of non-correlational thinking that has been disseminated following the consolidation of speculative realism. Despite these points of attention, we conclude that the questions raised do not invalidate the use of *assemblages* in more-than-representational research within the scope of geography, but they enable the qualification of the discourse that appropriates the heterogeneous relational arrangements applied to spatial reading.

Keywords: Affect; Performance; Relational Approach.

RESUMEN

En el contexto de los enfoques relacionales, muchos de los cuales se basan en inspiraciones y supuestos surgidos de la teoría del actor-red, destaca una forma de pensamiento que tiene como base reflexiva la existencia de arreglos relacionales heterogéneos, que entrelazan a humanos y no humanos. A través de estas relaciones en red, emergen significados a partir de la irrupción de afectos que estimulan la actuación de los actores involucrados, lo que propicia que la base teórica de este pensamiento se denomine geografía de lo que sucede. Estos arreglos relacionales se denominan comúnmente *assemblages* en la literatura académica y han servido como una referencia importante para investigaciones más que representativas en geografía. Sin embargo, algunas cuestiones relacionadas con su uso requieren atención: las consecuencias derivadas de los planos de intersección de las *assemblages*, la asimetría que involucra a los actantes que participan en las redes y el surgimiento del pensamiento no correlacional que se ha difundido tras la consolidación del realismo especulativo. A pesar de estos puntos de atención, concluimos que las cuestiones planteadas no invalidan el uso de *assemblages* en investigaciones más que representacionales en el ámbito de la geografía, pero permiten calificar el discurso que se apropia de los arreglos relacionales heterogéneos aplicados a la lectura espacial.

Palabras clave: Afecto; Performance; Enfoque Relacional.

1 - Introdução

As *assemblages* – arranjos relacionais heterogêneos (SILVA, 2023a) que enovelam humanos e não-humanos – têm sido muito utilizadas desde a virada relacional (JONES, 2009; ANDERSON *et al.* 2012). Os pressupostos desta virada epistemológica, ainda não muito consolidada no Brasil e mais presentes em geografias anglófonas e francófonas, centram-se na exploração das relações que produzem sentidos na leitura espacial e na apreensão do mundo. A capacidade das *assemblages* de proporcionarem uma forma de arranjo de elementos-em-rede acabam elucidando um quadro complexo e sempre instável que nos permite afirmar, *inter alia*, que o social não pode ser presumido (COWAN; MORGAN; MCDERMONT, 2009). Expresso

ordinariamente como um modo de pensar, estes arranjos relacionais heterogêneos ocupam posição de destaque no seio das abordagens mais-que-representacionais (PITT, 2015; MÜLLER; SCHURR, 2016). Temos optado por nos referir às *assemblages* como arranjos relacionais heterogêneos, pois nutrimos a crença de que a expressão consegue transmitir a noção de elementos assimétricos que possuem relações efêmeras manifestas em uma localização limitada do espaço-tempo. É plausível dizer que *assemblage* é uma nomenclatura que alude a um conjunto de trajetórias que se cruzam ou se engajam em diferentes extensões no espaço-tempo (FEATHERSTONE, 2011).

Todavia, destacamos três grandes questões que repousam sobre “o modo de pensar associado às *assemblages*” [*assemblage thinking*]: a primeira destaca a inadequação da leitura afetivo-performática dos elementos-em-rede devido à existência de muitos planos aninhados à *assemblage* analisada; a segunda se trata das assimetrias envolvendo a captura de informações entre actantes – termo utilizado para se referir aos atores humanos e não-humanos envolvidos em rede; a terceira se associa às críticas que o realismo especulativo faz ao correlacionismo; Se a primeira e a segunda crítica focam na complexidade relacional do mundo, a terceira centra-se na incompletude da dimensão relacional.

Este artigo, essencialmente epistemológico, visa abordar estas três questões associadas ao uso das *assemblages*, apontando-as como alertas. Concluimos que o uso do *assemblage thinking* em pesquisas geográficas possui validade, mas que se torna muito relevante a observação dos alertas aqui postos. Para tanto, iniciaremos a discussão fazendo uma revisão acerca do que é uma *assemblage*; posteriormente focaremos nas três críticas. Por fim, traremos as considerações finais.

Achamos relevante pontuar que, apesar dos desenvolvimentos teóricos aqui presentes não pertencerem ao *mainstream* da geografia cultural brasileira, já há uma base lusófona para o aprofundamento da discussão acerca do afeto, *performance* e outros termos que são caros para as abordagens mais-que-representacionais e, portanto, para o *assemblage thinking*. Paiva (2017; 2018), Silva e Costa (2022), Silva (2023a; 2023b; 2024), Seemann, Silva e Costa (2024) são alguns dos textos que são sustentação a esta discussão. Como nossa pretensão aqui é discutir um ponto avançado da teoria, as elucubrações aqui realizadas representam uma negligência deliberada quanto ao arcabouço basilar que sustenta a discussão mais-que-representacional. Essa tem sido uma escolha difícil nos nossos desenvolvimentos recentes, sobretudo pela natureza heterodoxa do campo do conhecimento e pela necessidade de produzir trabalhos que

alcancem interessados na temática. Por outro lado, requestrar as definições básicas da teoria pode retardar avanços e, sobretudo, subtrair espaços em meio as rígidas formatações das comunicações acadêmicas e criar, portanto, óbices para desdobramentos futuros. Assim, buscamos ser mais sucintos nas definições do vocabulário que anima o universo mais-que-representacional.

2 – *Assemblages* e o pensamento relacional

O *assemblage thinking* já se desenvolvia no âmbito da teoria ator-rede (TAR), que se desenvolveu e se disseminou no campo da sociologia na década de 1980. Neste âmbito, creditava-se às redes de relacionamento heterogêneas a negação do privilégio humano: as redes exclusivamente sociais participam da composição das *assemblages*, mas sem desfrutar de privilégios ou proeminências (LATOURETTE, 1996). John Law, nome de referência da TAR, chegou a argumentar que “se os materiais desaparecessem, o mesmo também ocorreria com aquilo que chamamos de ordem social” (LAW, 1992, p.382). De partida, é importante considerar que as *assemblages* são “alternativas às totalidades orgânicas ou estruturais postuladas pela ciência social clássica” (ESCOBAR, 2007, p.107).

No âmbito da geografia, a ascensão e disseminação das teorias não-representacionais (TNR) que têm como nome seminal Nigel Thrift (2000; 2008) foi a explicação maior para que as *assemblages* passassem a se tornar presentes como modo de pensar e método de pesquisa. A sugestão de Hayden Lorimer (2005) quanto à inadequação da expressão cunhada por Nigel Thrift fez com que paulatinamente as TNR se tornassem um acrônimo menos utilizado do que o conceito guarda-chuva “abordagens mais-que-representacionais”. De todo modo, sejam referidas como TNR ou abordagens mais-que-representacionais, o que se vê é o fato do *assemblage thinking* corriqueiramente sustentar as discussões que se estabeleceram no seio dessas abordagens relacionais.

É importante destacar que, devido à multiplicidade de abordagens ligadas ao campo mais-que-representacional, se observou uma grande pluralidade metodológica fazendo com que certos trabalhos se aproximassem da ideia de uma ontologia plana (MCCORMACK, 2020) que marca a TAR e, ao mesmo tempo, existissem outras contribuições que mantinham o antropocentrismo analítico, subvertendo as fontes seminais colhidas nos desenvolvimentos sociológicos. Ontologias planas são formas de pensamento que não distinguem em valor elementos humanos e não-humanos associados em rede. Ao tirar o foco do ser humano, as

chamadas geografias mais-que-humanas que predominantemente exibem pressupostos mais-que-representacionais têm adentrado no rol classificatório das chamadas ontologias planas. James Ash (2020) se refere às ontologias planas como abordagens que buscam quebrar os esquemas classificatórios usualmente concebidos pela geografia humana, particularmente as formas de classificação que resultam em modos binários ou hierárquicos de pensamento (tal como a divisão entre o global e o local) (SILVA, 2024).

Ao emaranhar elementos humanos e não-humanos em redes de escala variável e provisória (ANDERSON; MCFARLANE, 2011), o *assemblage thinking* prevê que a rede de relacionamentos envolvendo seus actantes é capaz de expressar ciclos afetivos-performáticos e, por meio deles, ser o palco da irrupção de sentidos que surgem por meio das relações. Esta crença posiciona os arranjos relacionais heterogêneos mais do que um conceito, mas como um método de pesquisa que seria capaz de explorar – por meio da tradução das redes – as causas e consequências do quadro relacional, além de apontar os múltiplos sentidos que de forma irresistível irrompem em meio às relações. A bibliografia comum aos estudos mais-que-representacionais costuma se referir ao levantamento das relações em rede de actantes como tradução e, ainda, de forma alternativa, como sintonização [*attunement*] (SILVA, 2023a). Pesquisas mais-que-relacionais tendem a buscar a ler o cotidiano dos actantes, explorando aquilo que se destaca em certa espaço-temporalidade cirurgicamente recortada, recebendo, por isso mesmo, a alcunha de “geografia do que acontece” (THRIFT, 2008; PAIVA, 2017; 2018; SILVA; 2022; 2023b).

O afeto é um conceito que, apesar de conter expressiva elasticidade semântica, é central na abordagem mais-que-representacional (PILE, 2010; ANDERSON, 2017). É observado o uso indiscriminado da palavra afeto em diferentes contextos acadêmicos e no cotidiano (LORIMER, 2007). Em uma compreensão comum, o afeto é entendido como força intrínseca à nossa experiência cotidiana e que se manifesta indiretamente em nossa *performance*. Afeto e *performance* são conceitos que precisam ser vistos em conexão, pois, “as dinâmicas afetivas são vistas como dispositivos para que o corpo possa performar certas ações, incluindo o discurso” (HUTTA, 2015, p.296). É entendido que o afeto possui uma dupla camada, consciente e inconsciente, sendo esta noção um convite para que os pesquisadores enveredem pelas sendas interdisciplinares, sobretudo em terrenos reconhecidamente filosóficos e psicológicos. Acrescenta-se que muitos pesquisadores preocupam-se com a temática da manipulação do

afeto, que se apresentaria como um campo muito eficaz da política (ANDERSON, 2008 [1984]; BILLIG, 1995; THRIFT, 2004; PYKETT, 2018).

Como as *assemblages* se apresentam como um misto de relações heterogêneas que evidenciam o afeto e a *performance* em rede, sua extensão é palco para que os indivíduos se entrelacem com o todo. É importante notar que a efemeridade do arranjo relacional das *assemblages* não nos permite considerar que estamos nos referindo a um organismo ou uma entidade; diferentemente, ao usar o termo, estamos nos referindo às unidades provisórias que possuem causas complexas de existência e que não podem ter sua explicação reduzida às suas partes componentes (ANDERSON *et al.*, 2012). Acrescenta-se que toda tentativa de descrição de uma *assemblage* é a captura de um espaço-tempo localizado – um *frame* – incluindo o congelar não somente da inquietude daquilo que faz do deslocamento seu apanágio, mas também dos elementos aparentemente fixos que se apresentam, na verdade, como objetos que estão inseridos no decorrer de um processo degenerativo e/ou incorporador (INGOLD; 2007). Se uma determinada rede de relações for levantada em distintas temporalidades, vislumbraremos trajetórias e, diferentemente de prever o futuro, o que teremos na melhor das possibilidades é a possibilidade de apontar tendências.

Nosso aprofundamento nas pesquisas mais-que-representacionais nos levaram a colidir com duas questões associadas às *assemblages* e que evidenciamos na introdução deste artigo. Estas questões se apresentam como limitações do uso destes arranjos relacionais heterogêneos e que achamos serem úteis para os investigadores que utilizam pressupostos relacionais para o desenvolvimento de suas pesquisas.

3 - Primeira questão: as leituras afetivo-performáticas míopes

Uma das principais promessas do uso das *assemblages* é a possibilidade de compreender as relações afetivo-performáticas que pairam sobre actantes, bem como utilizar as relações em rede para aludir aos sentidos que de súbito irrompem no seio destas relações. No âmbito do *assemblage thinking*, a tradução das redes permitiriam compreender – a despeito de uma lógica centrada nas distâncias métricas – quais elementos estão em associação e quais não estão. Em muitas ocasiões conjuntos específicos de relações parecem manter-se de forma relativamente forte mesmo que sejam contraditórias entre si e carreguem entre os seus atores diferenças expressivas. Em um exemplo, a reflexão acerca das *assemblages* pode reorientar os entendimentos de raça ao focar a análise desta categoria nas interações sociais (ANDERSON

et al., 2012) realizadas em diversas camadas. Tal foco nos permite ver a raça como fluída e fixa ao mesmo tempo, evidenciando a colisão de planos entrecruzados.

Como a raça poderia ser vista como fluída e fixa ao mesmo tempo? Seja como intérprete das redes ou como partícipe, é inevitável lidar com a ideia da raça ontologicamente compreendida, que irá invariavelmente participar das manifestações afetivas e performáticas. Por outro lado, é possível dar realce às especificidades individuais das interpretações do que seja raça e do entendimento de seus desdobramentos complexos. Eis a ambiguidade sincrônica que se manifesta na tradução das redes. A ambiguidade sincrônica é distinta da ambiguidade diacrônica; nesta última, em um dado momento pode existir a prevalência de uma ontologia racial e em outro momento o entendimento da excepcionalidade da interpretação racial. Já na ambiguidade sincrônica, o que temos é a colisão da influência ontológica da raça com entendimentos particulares em nível identitário, que se entrelaçam dialeticamente em ideias e proposições comunicativas – representações propriamente ditas – que retratam a colisão de ideias ambíguas em uma temporalidade localizada. Assim, a ambiguidade sincrônica não é um mero convívio de compreensões bem resolvidas e apartadas: *au contraire*, é a repaginação permanente de uma apreensão que se dá por meio da fusão entre identidades e coletividades, ao sabor da experiência humana.

Ainda que a tradução de uma *assemblage* seja um *frame*, é plausível considerar que a colisão de diacronismos e sincronismos participem do jogo afetivo-performático dos actantes. Todavia, disturbam a nossa capacidade de leitura afeto-performática o fato dos actantes participarem sincronicamente de múltiplos planos de relacionamentos, cada qual com um arranjo de planos entrecruzados próprio. Os actantes que compõem as *assemblages* não podem ter suas funções reduzidas na participação do todo, visto que tais actantes participam de múltiplos “todos” em um dado momento (DITTMER, 2013). É o mesmo que dizer que elementos-em-rede, sejam humanos ou não-humanos, podem participar de várias *assemblages* ao mesmo tempo. Dessa forma, os afetos e a *performance* de actantes no interior das *assemblages* acabam sendo produzidos também por efeitos que – aprioristicamente – possuem epicentros localizados em outros espaços e também em outros tempos. Esta é uma consideração que faz com que a pesquisa mais-que-representacional tenha – sobretudo no âmbito dos trabalhos empíricos – uma tarefa de difícil realização.

O fato de um indivíduo estar inserido em múltiplas *assemblages* é o que nos substantia dizer que o mesmo sofre assédio de uma gama de planos entrecruzados (e das relações de poder

que deles são oriundas). É provável que uma *assemblage* vista como um fenômeno isolado seja incapaz de explicar a *performance* de um ator que a compõe. Por isso precisamos tratar a trama de *assemblages* que assediam indivíduos como jogos em múltiplas arenas (TSEBELIS, 1998).

George Tsebelis teorizou sobre o assunto dos jogos em múltiplas arenas. Em sua explicação, os definiu como aqueles que envolvem vários planos de disputa entre os atores (jogadores). Muitas vezes, sem a percepção do conjunto de jogos que estão em disputa, faltamos um cenário global para conseguirmos explicar uma ação que parece não ter sido a melhor realizada ou até mesmo ter sido prejudicial ao ator que a realizou. Neste caso, o realizador da ação pode estar se sacrificando em um plano e, ao mesmo tempo, ganhando em outros planos. Analogamente, é plausível considerar os arranjos relacionais heterogêneos com um dos planos entrecruzados. Certas escolhas performáticas dos atores que estão inseridos em uma dada *assemblage* podem ser incompatíveis com os arranjos afetivos exibidos em um dado plano de análise; assim, os tradutores (ou intérpretes) dos arranjos relacionais heterogêneos não podem tratar o seu plano de análise como se este fosse a constituição do cosmos.

Considerando esta característica do *assemblage thinking*, a dificuldade para alinhar teoria e prática é descobrir uma fórmula para captar as principais forças que assediam os sujeitos, mesmo que tais forças sejam oriundas de *assemblages* distintas. Questionários aplicados a sujeitos e produzidos por pesquisadores deste campo de pesquisa devem levar em conta essa possibilidade para estruturar a forma e o conteúdo daquele conjunto de perguntas que irão conduzir a pesquisa. Talvez uma resposta para o entrecruzamento das *assemblages* seja o fato de que a pesquisa não deva ser pautada nos arranjos relacionais propriamente ditos, mas nos indivíduos: este deslocamento permitiria compreender mais detidamente os múltiplos assédios que se lançam sobre a individualidade em detrimento de uma tarefa inalcançável de descrição e essencialização da *assemblage*.

Espacializar o sujeito no seio de uma *assemblage* significa considerar que o mesmo não é meramente reativo às relações às quais está submetido, mas passa a agregá-las como um ator que está sempre emergindo dessas relações que, de forma alguma, são fixas ou certas (SIMPSON, 2017). Eis aqui a complexidade dos estudos das *assemblages*: estamos falando de atores sensíveis às relações e que passam a incorporá-las de uma maneira muito particular; tais incorporações podem ser nubladas por irrupções oriundas de outras *assemblages*, muitas vezes estranhas aos sujeitos-em-rede que se conectam no âmbito de um plano. Esta argumentação teórica despedaça a integridade de crenças ontológicas cuja expectativa sobre elas é de se portar

como uma força afetiva capaz de moldar um conjunto de pessoas a partir de determinados pressupostos. Utilizamos o termo moldar como sinônimo de definir. É importante ressaltar que as ontologias, assim como quaisquer representações, atingem de forma variada os indivíduos. Existem certas crenças coletivas que são tão poderosas ao ponto de criar impressões de reações homogêneas entre as pessoas. Afirmamos com conforto que certas crenças conseguem disseminar eficazmente seus pressupostos e afetar de maneira mais intensa um número significativo de sujeitos-em-rede. Assim, ao tratarmos de ontologias, não podemos banalizar as diferenças entre as representações.

A dinâmica dos planos das distintas *assemblages* traz como repercussão o fato dos indivíduos aparentemente se apresentarem como contraditórios (ou portadores de valores contraditórios). Nota-se que as ambiguidades ressaltadas fazendo-nos lembrar das ambivalências destacadas por Homi Bhabha (1984) no interior da análise pós-colonial. Mas – para além da ambivalência de Bhabha – as contradições seriam uma condição humana e não uma excepcionalidade localizada especificamente nas relações assimétricas da colonização. Pode-se considerar que todo o arranjo social hodierno é fruto da colonização em alguma medida – seja direto ou indireto – o que daria ao conceito de ambivalência uma amplitude cosmológica. Acreditamos, contudo, que as contradições que fundam o ser e a vida em rede são ainda mais amplas do que a experiência colonial, manifestando-se como um verdadeiro apanágio da humanidade.

4 - Segunda questão: a contemplação imperfeita das heterogeneidades dos actantes

As assimetrias envolvendo as relações entre actantes envolvidos em redes mais-que-humanas são evidentemente bastante pronunciadas, o que mostra, de antemão, dificuldades metodológicas para os trabalhos que enveredam pela senda em questão. As assimetrias envolvendo as diferentes consciências de espécies distintas de fato se apresentam como uma armadilha discursiva (WYNNE, 2004). Mesmo quando a análise envolve afetos e performances humanas, o método já passa por questionamentos a respeito de suas arbitrariedades, visto que falar em levantamento de relações exige ponderar quais são mais relevantes e quais serão obliteradas pela escolha do pesquisador. Costuma-se indicar que as relações que devem ser levantadas são aquelas mais relevantes (RUMING, 2009) para os alvos de pesquisa – e não para o pesquisador. Todavia, uma má condução desse levantamento pode irremediavelmente levar a pesquisa a uma arbitrariedade como àquelas que por tanto tempo acompanham a região e a

regionalização (HARTSHORNE, 1978), os períodos (BARROS, 2005), dentre outros conceitos relevantes.

Todavia, as abordagens mais-que-humanas – assim como ocorre com o conjunto de abordagens mais-que-representacionais – são muito variadas. Apesar da não-diferenciação de actantes no seio das redes heterogêneas ser uma característica muito marcante, se vê em alguns trabalhos proposições que subvertem este caráter. Exemplificando, a autora Annika Lonkila (2021) em sua pesquisa em fazendas que tem o foco em torno da produção leiteira, optou estabelecer em seu artigo uma narrativa a partir de suas anotações de campo. Neste caso, vemos a configuração de duas problemáticas: a primeira é o reforço da divisão entre sujeito e objeto, dicotomia que os pesquisadores de abordagens mais-que-representacionais buscam atenuar; a segunda é a construção da análise a partir de um olhar antropocêntrico. Poderíamos neste ponto refletir que a própria ideia de uma pesquisa é antropocêntrica em si; vemos, no entanto, a possibilidade de compreender as relações em rede a partir da *performance* animal. Ainda assim, entendemos que o comportamento animal não poderá ser essencializado, visto que a *performance* não-humana será – do ponto de vista de uma crítica filosófica mais purista – uma ação em-si-para-nós e não em-si-em-si.

Utilizar métodos diferentes entre grupos de actantes envolvidos em redes mais-que-humanas é uma proposição que subverte a ideia da ontologia plana. Não acreditamos que de fato seja possível dar vazão a uma pesquisa que trate as *assemblages* como absolutamente planas. Contudo, o princípio de descentralização do ser humano já estabelece um avanço frente às abordagens que cegamente propunham o olhar antropocêntrico como única possibilidade de ver o mundo.

Derek McCormack (2020) parece não acreditar na planificação das relações-em-rede: o autor diz que os elementos-em-rede se contemplam [*comprehend*], mas não em um sentido no qual sejam capazes de cognitivamente entender as relações que os entremeiam. Diferentemente, contemplar “é um conceito mais expansivo, denotando as relações entre entes de uma forma a qual, por exemplo, um container contempla [*comprehends*] o fluído que nele está contido” (MCCORMACK, 2020, p.1). É como se o autor dissesse que cada elemento-em-rede carrega um pouco dos demais elementos aninhados em uma *assemblage*. Entretanto, McCormack destaca que os actantes compreendem as relações de forma diferente, justamente por serem distintos. Indo contrariamente à concepção de uma ontologia plana, o autor argumenta que os seres humanos “são tipos diferentes de entidades” embora “não sejam necessariamente

melhores, mais privilegiados ou mais benignos” (MCCORMACK, 2020, p.1). Apesar de contrariar a concepção de uma ontologia plana, o autor parece sensível à descentralização do ser humano, evitando os vícios de abordagens antropocêntricas tradicionais.

Partindo da rejeição do caráter de uma ontologia plana que é atribuído comumente ao *assemblage thinking* no seio da TAR, acreditamos que se faz necessário, no âmbito da tradução das relações aninhadas entre actantes, confrontar linguagens assimétricas: se humanos podem ser alvos de entrevistas semiestruturadas que permitem um melhor entendimento do ciclo afetivo-perfomático, animais, plantas e forças elementais, por sua vez, podem ter sua *performance* descrita. O comportamento de elementos não-humanos associados aos arranjos relacionais heterogêneos jamais podem ser tratados como reações isoladas; diferentemente, encadeiam-se com os demais actantes, inclusive com os seres humanos, gerando nuances afetivas e inspirando novas *performances*.

5- Terceira questão: a geografia do que pode acontecer

Poderia um mundo real existir independente do acesso humano? Desde a era de Immanuel Kant, tem sido considerada a invalidez desta pergunta, já que não podíamos pensar em um mundo sem humanos e em humanos sem mundo, mas apenas na primordial correlação existente entre os dois. Este tipo de filosofia foi chamado de “correlacionismo” pelo filósofo francês Quentin Meillassoux, que “utilizou seu livro *Após a Finitude* e do realismo especulativo para fazer do correlacionismo seu inimigo mortal” (HARMAN, 2012, p.184).

Por intermédio dos pressupostos do realismo especulativo – corrente filosófica relativamente recente – a chamada “era do correlato” tem sido fortemente desacreditada (BENSUSAN, 2018). A expressão em questão alude ao entendimento de que as relações exibem faces tangíveis dos significados. Hilan Bensusan (2018) acredita que a era do correlato é pautada pelo domínio da metafísica da subjetividade, que considera as correlações entre os elementos analisados como absolutas e componentes de tudo o que é possível conhecer. Para o autor, a metafísica da subjetividade deixa de considerar a ocultação da realidade, que não se apresenta na dimensão das correlações. A proposição pragmática de uma “geografia do que acontece” associa-se ou – na melhor das hipóteses – prioriza as relações que animam não somente a vida social, mas tudo aquilo que podemos conhecer.

Todavia, o realismo especulativo, cujos pressupostos possuem baixa penetração nos estudos geográficos (ASH; GORDON, 2023), critica a compreensão da realidade a partir das

relações estabelecidas entre os elementos arranjados em rede. Quentin Meillassoux (2018) trata o conjunto de relações entre elementos correlacionados como uma forma não-materialista de absolutismo. O princípio desta forma não consistiria em pretender pensar um absoluto não-correlacional, mas em fazer da correlação subjetiva a versão correta do absoluto. Em outras palavras, aplicando a reflexão nas abordagens relacionais da geografia, existe alguém que tem o papel de definir quais são as relações relevantes entre os elementos que devam compor a geografia do que acontece.

Tanto na TAR quanto nas abordagens mais-que-relacionais da geografia, fala-se em elencar as relações que são mais relevantes [*first-order approximations*] (RUMING, 2009) que envolvem os elementos-em-rede, visto que é impossível esgotar as relações estabelecidas entre eles. Esta estratégia incomoda por ser flagrantemente arbitrária e, ao mesmo tempo, por desnudar o caráter inesgotável da realidade intangível. Mas, o realismo especulativo vai além, não somente por trazer como pressuposto que existem fenômenos interpretáveis que podem ficar de fora de nossa análise, mas por também incluir a possibilidade de participação daquilo que é impossível conhecer mediante a finitude humana. Desta forma, os pressupostos do realismo especulativo configuram-se como um ataque a toda fundamentação exclusivamente relacional, incluindo as *assemblages*.

Conceber uma “geografia do que acontece” baseada nas relações sociais visíveis (ou nos efeitos visíveis destas relações sociais) traz questionamentos sobre o que pode existir para além do olhar e, ao mesmo tempo, lança dificuldades quanto à capacidade do discurso de representar o “invisível”: como saberemos se uma realidade invisível existe? Quem pode determinar se o invisível existe ou não? (VANDENBERGHE, 2002).

A obra *Após a finitude*, de Quentin Meillassoux (2008 [2006]), tornou-se um pilar da virada especulativa e não-correlacionista, que, por sua vez, são bases da corrente filosófica do realismo especulativo. Meillassoux argumenta na obra em questão que a “revolução transcendental consistiu não só em desqualificar o realismo ingênuo da metafísica dogmática, mas também em redefinir a objetividade fora do contexto dogmático” (MEILLASSOUX, 2008 [2006], p.12). Acrescenta-se que no contexto do realismo especulativo, a inesgotabilidade do objeto, bem como dos conceitos de “ser” e “mundo” fazem com que no máximo tais conceitos/significados sejam um modelo simplificado de uma realidade mais profunda, fundamentalmente inacessível.

Mesmo sendo uma corrente relativamente nova de pensamento, o realismo especulativo tem sido sabatinado a partir de distintas visões que buscam ajustar discursos. Rodrigo Nunes (2018) acredita que o centro da crítica de Meillassoux (2008 [2006]) já é focado em uma premissa que pode ser desqualificada. Na visão de Nunes, a especulação é uma necessidade interna do próprio correlacionismo, que não apresentaria a fixidez e concretude qualificadas por Meillassoux. Assim, o autor de *Após a finitude* teria concedido ao correlacionismo votos de solidez e inexpugnabilidade aos quais nunca teve. Deste modo, Meillassoux faria um heroísmo fora de lugar: ao invés de um gesto dramático a favor do rompimento do círculo correlacional, talvez o que falte é a percepção de que este círculo nunca se fechou de verdade. Para Nunes (2018), se o correlacionismo é uma abordagem filosófica que busca eliminar todo e qualquer enunciado relativo a um real que esteja fora da experiência, dizemos que o correlacionismo jamais existiu.

Somos inspirados a pensar nos efeitos deste imbróglio para as abordagens mais-que-representacionais que se desenvolveram na geografia. A “geografia do que acontece” está fortemente empenhada em compreender as relações cotidianas entre actantes, aparentemente não dando crédito ao que está fora do círculo relacional. Entretanto, as abordagens mais-que-representacionais partem do pressuposto de que os arranjos relacionais heterogêneos são efêmeros o suficiente para que as descrições e conclusões acerca das relações dos actantes sejam apresentadas de forma sempre instável. Assim, a abordagem mais-que-representacional na geografia trata de um correlacionismo que não reifica, ou que pelo menos não deveria reificar, já que as abordagens deste campo geográfico são muito variadas e não podemos falar por todos que enveredam nas leituras relacionais.

Acrescenta-se que a definição do que sejam as relações e, dentre estas, quais são as prioritárias garantem às abordagens relacionais o seu caráter subjetivo, o que de certa forma faz justiça, pelo menos pontualmente, as críticas de Nunes à Meillassoux. Essa subjetividade correlacional – em termos práticos – fragiliza a pretensão de leitura absolutista; contudo, acreditamos que esta pretensão, na maioria das abordagens, pode nunca ter existido. Apresentando como suporte a fenomenologia (e as incorporações dos seus prefixos “pós” e “eco”), o pesquisador percorre as sendas da pesquisa sem saber de antemão o que irá encontrar. Por isso, se faz necessária a flexibilidade do método, já que o mesmo deve se adaptar à natureza e circunstâncias do fenômeno (ALMEIDA, 2020).

No seio das geografias mais-que-representacionais, a preocupação das chamadas geografias espectrais com o impacto de distintas temporalidades sobre o afeto e a *performance* em dado corte temporal é uma forma de extrair o não-correlacionado. O modo muito particular das geografias espectrais de operar a leitura espacial inclui o impacto da noção de presenças e ausências em um dado lugar ao longo da passagem do tempo (SILVA; COSTA, 2024). Parte-se da premissa que os passados e futuros revelam uma relação suplementar com o presente: por isto, as geografias espectrais – fantasmagóricas – distorcem as percepções do espaço-tempo (MADDERN; ADEY, 2008). É importante observar que a principal importância da consideração espectral reside no entendimento de que a experiência do espaço e lugar é *sempre* assombrada pela espaço-temporalidade não coincidente, na qual passado e futuro participam simultaneamente e de maneira imprevisível (MCCOMARCK, 2010).

O que pertence ao passado, já se foi, e se um dia se apresentou como uma relação, em dado corte temporal pode não mais ser. Já o que pertence ao futuro, é especulativo, e cumpre uma lacuna da crítica não-correlacionista. Nesse sentido, consideramos que a dimensão analítica do que é espectral considera o domínio especulativo, ainda que não possamos esgotá-lo ou mesmo ter esta pretensão. De forma similar, a noção de que o afeto e a *performance* não são absolutamente congruentes já indicam a existência de um substrato especulativo, que sugerimos ser chamado de afeto residual.

Precisamos, entretanto, propor uma reflexão: desnudar a essência pretensamente objetiva das coisas (e porque não dos fatos) seria mesmo relevante? Ou o foco deveria ser o esclarecimento do ciclo afetivo-performático focado na particularidade de elementos-em-rede? Acreditamos que a força das relações em rede, independente das considerações acerca da existência de elementos não-correlacionais, apresenta-se suficientemente relevante para a compreensão do que anima o cotidiano. Percebemos que a preocupação da chamada geografia espectral quanto à incidência de temporalidades distintas sobre o corte temporal analisado cumpre bem as lacunas daquilo que é especulativo e que pode ser relevante aos arranjos analisados. É de se notar que o conceito de afeto apresenta-se como portador de uma dupla camada – consciente e inconsciente – e isso é largamente difundido nas abordagens mais-que-representacionais. A dupla camada do afeto já aponta para a existência de um campo afetivo que não necessariamente se materializa nas práticas (afeto residual). Entrevistas bem estruturadas podem servir para a revelação de forças afetivas que não se revelaram por meio das ações. A problemática centra-se na dimensão não-humana e acentua-se particularmente

quando falamos de *objetos* que, por definição, são *coisas* que ganharam significado por meio de sua participação nos arranjos relacionais heterogêneos.

Utiliza-se costumeiramente a palavra *coisa* para os inanimados que não lidos relacionalmente; no momento em que as *coisas* se envolvem nas teias das relações, é utilizado o termo *objeto*, que sempre emerge a partir dos arranjos relacionais heterogêneos. Assim, quando falamos de objetos, devemos partir da presunção de que existe um objeto em-si para nós e um em-si-em-si (NUNES, 2018). Isso significa dizer que a noção sobre o que é o objeto é sempre angulada a partir das formas de relações que um indivíduo estabelece com ele. Ao mesmo tempo, é de se notar que antes de ser um *objeto*, uma *coisa* é dotada de atributos que permite uma ampla gama de significações que vai variar de acordo com as formas nas quais as relações se arranjam.

É importante destacar que o realismo especulativo não defende que a análise das relações em rede seja inútil; entretanto, abre a possibilidade para consideramos a atuação de elementos, eventos ou fenômenos que estejam além das relações como relevantes na leitura do espaço-tempo sitiado. A corrente filosófica em questão apresenta-se como uma importante sinalização para a realização da geografia do que acontece. Talvez, mediante a consideração dos pressupostos do realismo especulativo, podemos falar de uma geografia do que acontece e do que pode acontecer.

6- Considerações finais

Neste artigo problematizamos três grandes questões que permeiam o *assemblage thinking*. Não acreditamos que estas questões invalidam o uso das *assemblages* na pesquisa mais-que-relacional no âmbito da geografia. Todavia, destacam alertas que, se levados em conta, fortalecem e qualificam o discurso que se apropria dos arranjos relacionais heterogêneos.

A consideração dos planos entrecruzados das *assemblages* nos leva à conclusão de que o foco na investigação talvez não deva repousar na essencialização dos arranjos relacionais heterogêneos, mas na posição angulada do actante tanto na sua leitura de mundo quanto na sua contribuição para a dinamização de ciclos afetivos-performáticos que ajudam a compor a atmosfera da rede ao qual pertence.

As assimetrias entre actantes, por sua vez, evidenciam que a adoção de métodos únicos que ilustram a crença em uma ontologia plana desqualificam a abordagem. O ar atmosférico, uma pedra, uma planta, um cachorro e um ser humano exigem a adoção de reflexões diferentes;

temos a consciência de que estamos aqui subvertendo não somente pressupostos associados a TAR, mas a qualquer perspectiva relacional que uma actantes em um mesmo plano. Com isso, não fazemos um ode ao antropocentrismo, mas simplesmente reconhecemos as diferenças entre actantes. Isso não significa dizer, de modo algum, que os elementos que participam das relações em rede não se afetam.

A ascensão dos pressupostos do realismo especulativo, por sua vez, chama a atenção para que vislumbremos a possibilidade de elementos não-correlacionais participarem da interpretação angulada do mundo. As ideias especulativas nos conduzem a observar questões associadas ao afeto residual e à geografia espectral, que é uma abordagem mais-que-representacional que explora arranjos espaciais pretéritos e futuros e seu impacto em uma dada temporalidade. As afetividades que vazam tempos podem ser consideradas, em certa medida, como não-correlacionais. Acrescenta-se que o conceito de afeto, basilar para o *assemblage thinking*, é comumente pensado a partir de duas camadas sobrepostas: a consciência e a subconsciência. Pensamos que este ponto desnuda a necessidade da geografia em se lançar à interdisciplinaridade – destacando aqui o fato do próprio conceito de *assemblage* não ser genuinamente geográfico – e se apoiar não somente em pressupostos da filosofia, mas também da psicologia.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo. **Geograficidade**, v.10, número especial, p.38-47, Outono, 2020. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a40096>

ANDERSON, Ben. Affect. (In): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**, John Wiley & Sons, p.1-3, 2017.

ANDERSON, Ben; KEARNES, Matthew; MCFARLANE, Colin; SWATON, Dan. On assemblages and geography. **Dialogues in Human Geography**, v.2, i.2, p.171-189, 2012. <https://doi.org/10.1177/2043820612449261>

ANDERSON, Ben; MCFARLANE, Colin. Assemblage and Geography. **Area**, v.43, n.2, p.124-127, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2011.01004.x>

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ASH, James. Flat ontology and geography. **Dialogues in Human Geography**, v.10, i.3, p.345-361, 2020. <https://doi.org/10.1177/2043820620940052>

ASH, James; GORDON, Rachel. Geographies of the event? Rethinking time and power through digital interfaces. **Cultural Geographies**, v.30, i.1, p.3-18, 2023. <https://doi.org/10.1177/14744740221086>

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v.10, n.1, p.95-129, Verão, 2005.

BENSUSAN, Hilan. O realismo especulativo e a metafísica dos outros. **Eco-pós**, v.21, n.2, p.94-110, 2018. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.17764>

BHABHA, Homi K. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. **October, Discipleship: A special Issue in Psychoanalysis**, v.28, p.125-133, Spring, 1984. <https://doi.org/10.2307/778467>

BILLIG, Michael. **Banal Nationalism**. London: Sage Publications, 1995.

COWAN, Dave; MORGAN, Karen; MCDERMONT, Morag. Nominations: An Actor-Network Approach. **Housing Studies**, v.24, n.3, p.281-300, 2009. <https://doi.org/10.1080/02673030902814598>

DITTMER, Jason. Geopolitical assemblages and complexity. **Progress in Human Geography**, v.38, i.3, p.385-401, September, 2013. <https://doi.org/10.1177/030913251350>

ESCOBAR, Arturo. The “ontological turn” in social theory. A Commentary on “Human geography without scale” by Sallie Marston, John Paul Jones II and Keith Woodward. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, v.32, n.1, p.106-11, January, 2007. <https://www.jstor.org/stable/4640003>

FEATHERSTONE, David. On assemblage and articulation. **Area**, v.43, i.2, p.139-142, 2011. <https://www.jstor.org/stable/41240476>

HARMAN, Graham. The Well-Wrought Broken Hammer: Object-Oriented Literary Criticism. **New Literary History**, v.43, n.2, Spring, p.183-203, 2012. <https://www.jstor.org/stable/23259371>

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.

HUTTA, Jan Simon. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v.70, i.4, p.295-309, October, 2015. <https://doi.org/10.5194/gh-70-295-2015>

INGOLD, Tim. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v.14, i.1, p.1-16, April, 2007. <https://doi.org/10.1017/S1380203807002127>

JONES, Martin. Phase space: geography, relational thinking, and beyond. **Progress in Human Geography**, v.33, i.4, p.487-506, 2009. <https://doi.org/10.1177/0309132508101599>

LATOURE, Bruno. On actor-network theory: a few clarifications. **Soziale Welt**, v.47, i.4, p.369-381, 1996.

LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity. **Systems Practice**, v.5, n.4, p.379-393, 1992. <http://dx.doi.org/10.1007/BF01059830>

LONKILA, Annika. Care-full research ethics in multispecies relations on dairy farms. **Cultural Geographies**, v.28, i.3, p.479-493, July, 2021. <https://doi.org/10.1177/147447402098724>

LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005. <https://doi.org/10.1191/0309132505ph531pr>

LORIMER, Jamie. Non-human charisma. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.25, i.5, p.911-932, 2007. <https://doi.org/10.1068/d71j>

MADDERN, Jo Frances; ADEY, Peter. Editorial: spectro-geographies. **Cultural Geographies**, v.15, p.291-295, 2008. <https://doi.org/10.1177/14744740080913>

MCCOMARCK, Derek P. Remotely Sensing Affective Afterlives: The Spectral Geographies of Material Remains. **Annals of the Association of American Geographers**, v.100, n.3, p.640-654, 2010. <https://doi.org/10.1080/00045601003795004>

MCCORMACK, Derek P. Forms of comprehension. **Dialogues in Human Geography**, v.10, i.3, p.1-4, 2020. <https://doi.org/10.1177/2043820620940054>

MEILLASSOUX, Quentin. **After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency**. New York: Continuum International Publishing Group, 2008.

MÜLLER, Martin; SCHURR, Carolin. Assemblage thinking and actor-network theory: conjunctions, disjunctions, cross-fertilisations. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.41, i.3, p.217-229, July, 2016. <https://doi.org/10.1111/tran.12117>

NUNES, Rodrigo. O que são ontologias pós-críticas? **Eco-Pós**, v.21, n.2, p.111-142, 2018. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.20492>

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n.106, p.159-168, 2017. <https://doi.org/10.18055/Finis10196>

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n.107, p. 159-168, 2018. <https://doi.org/10.18055/Finis10197>

PILE, Steve. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v.35, n.1, p.5-20, January, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2009.00368.x>

PITT, Hannah. On showing and being shown plants – a guide to methods for more-than human geography. **Area**, v.47, i.1, p.48-55, 2015. <https://doi.org/10.1111/area.12145>

PYKETT, Jessica. Geography and neuroscience: critical engagements with geography's "neural turn". **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.43, n.2, p.154-169, 2018. <https://doi.org/10.1111/tran.12213>

RUMING, Kristian. Following the actors: mobilising an actor-network theory methodology in geography. **Australian Geographer**, v.40, n.4, p.451-469, 2009. <https://doi.org/10.1080/00049180903312653>

SEEMANN, Jörn; SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Repensando o conceito de nação: uma visão geográfica a partir das teorias não-representacionais. **Revista Espaço Aberto**, v.14, n.1, p.5-27, 2024. <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2024.57168>

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Uma geografia do que acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v.16, n.2, p.72-85, 2022.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades**. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e Editora IFNMG, 2023a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Elucidando as Teorias não-representacionais. **Geotemas**, v.13, n.1, p.e02301, 2023b. <https://doi.org/10.33237/2236-255X.2023.4389>

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **Espaços-Tempos: uma geografia dos fragmentos da experiência**. Montes Claros e Belo Horizonte: Letramento e Editora IFNMG, 2024.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v.42, e190818, 2022b. <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.190818>

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Geografias mortas, vivas e espectrais: formas de apreender o espaço. **Caminhos de Geografia**, v.25, n.97, p.213-230, 2024. <https://doi.org/10.14393/RCG259769096>

SIMPSON, Paul. Spacing the subject: Thinking subjectivity after non-representational theory. **Geography Compass**, v.11, i.12, e12347, p.1-15, 2017. <https://doi.org/10.1111/gec3.12347>

THRIFT, Nigel. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000. <https://doi.org/10.1068/d214t>

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, March, 2004. <https://doi.org/10.1111/j.0435-3684.2004.00154.x>

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.

TSEBELIS, George. **Jogos ocultos: escolha racional no campo da política comparada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VANDENBERGHE, Frédéric. Reconstructing Humants: A Humanist Critique of Actant-Network Theory. **Theory, Culture & Society**, v.19, i.5-6, p.51-67, 2002. <https://doi.org/10.1177/026327602761899147>

WYNNE, Clive D. L. The perils of anthropomorphism. **Nature**, v.428, p.606, 2004.